

ESTADÃO
/

EUGÊNIO BUCCI

Jornalista e professor da ECA-USP, Eugênio Bucci escreve quinzenalmen...

[ver mais](#)

A morte como piada

Um ser humano, sobretudo na hora da morte, merece de nós a nossa melhor expressão de respeito

EXCLUSIVO PARA ASSINANTES



Ouvir:

0:00

27/01/2022 | 03h00

O falecimento do escritor Olavo de Carvalho, na terça-feira, repercutiu nas redes sociais de um modo carnavalesco, brincalhão, satírico e apavorante. Uma avalanche de festejos virtuais fez da notícia fúnebre uma festa popular, como quando as torcidas comemoram a vitória do seu time num desses certames futebolísticos. Anedotas floresciam em toda parte, das mais chulas às mais elaboradas. Uns se divertiam com a boutade de que a onda de calor destes dias se deve à porta do inferno, escancarada para receber o novo inquilino. Outros preferiram replicar o post segundo o qual o morto, ao se instalar no endereço escaldante, havia declarado que o inferno é plano. Os mais líricos recuperaram um poema famoso do uruguaio Mario Benedetti, escrito em 1963, chamado *Obituário com hurras*: “Murió el cretino / vamos a festejarlo”. Por muitas horas, o escárnio divertido, espirituoso e ácido manteve seu ânimo. E foi isso, apenas isso, que me soou apavorante (esta é a palavra). Se a morte de alguém, seja esse alguém quem for, é motivo para o nosso regozijo mais ostensivo, a que teremos nos reduzido?



ESTADÃO

EUGÊNIO BUCCI

televisão em frente às vítimas do Mappin. Eu as observei por todo o dia. Mesmo assim, mesmo vendo tão pouco, não gostei de ver a bolha que orbito exultando copiosamente porque alguém morreu.

Em outras bolhas, com as quais me identifico menos ainda, proliferaram homenagens hagiográficas ao falecido. Não primaram pela sobriedade. Em nota conjunta, a Secretaria Especial da Cultura e a Secretaria Especial de Comunicação Social afirmaram que ele deixa um legado de “contribuição inestimável ao pensamento filosófico e ao conhecimento universal”. Haja grandiloquência governamental. Procurando inflar com artifícios rasteiros a magnitude da obra alegadamente filosófica do escritor, o texto constrange, como se também tivesse a estrutura de uma piada, desta vez involuntária. O chefe de Estado decretou luto oficial de um dia.

Entre uns e outros, Olavo de Carvalho morreu como signo em disputa. O que se pode dizer, objetivamente, é que ele contribuiu para conferir amálgama discursivo para aglutinações (coagulações) de forças contrárias à democracia no Brasil, tecendo um fio de amarração ideológica que se estende dos estertores da ditadura militar (especialmente da banda mais fascista do regime, aquela que se opôs agressivamente contra a abertura política liderada por Ernesto Geisel) até as entranhas do credo bolsonarista atual. Os textos de Carvalho, bem como seu intenso proselitismo na internet, contribuíram para sintetizar uma unidade que poderíamos chamar de protoconceitual para a verbosidade violenta das milícias digitais. São elas que agora o cultuam como um totem inexpugnável e oco. Para outras bolhas, as que debocham de seu funeral, o morto terá sido uma fraude intelectual a ser desbaratada e esquecida. Pode ser que exista razão no diagnóstico, mas a atitude de tripudiar sobre o caixão ainda insepulto passa da conta.

A essa altura, não há sentido em cobrar boas maneiras de quem quer que seja – e, de minha parte, seria um embuste eu presumir que possa ter comigo a baliza da urbanidade. Não tenho essa pretensão. Meu ponto é um só: registrar o fato, terrivelmente incômodo, de que as expressões de ódio (como essa que caçoa do sepultamento do adversário) se alastraram horizontalmente, a ponto de se tornar um denominador comum da linguagem política. Tenho a impressão de que o ódio, ou alguma parte dele, parte essencial, já nos subjugou a todos. O pior é não haver o que fazer, não há como reverter o quadro, e isso é o que mais apavora.



ESTADÃO

EUGÊNIO BUCCI

Normandia, os soldados alemães que combatiam pelo nazismo jazem no Cemitério de La Cambe, sem que seus túmulos sejam profanados. Tem de ser assim. Se não sabemos nos deter diante do limite da morte, não somos civilizados.

O bolsonarismo já deu todos os sinais de que despreza a vida, os direitos e as liberdades. Seu líder máximo zombou muitas vezes dos que morreram de covid. Isso é deplorável e indigno. Mas os que se opõem a essa escola odiosa nunca deveriam ceder ao mesmo padrão de ódio. Deveríamos ser os primeiros a saber que, no fundo de cada crápula, ainda tenta respirar um ser humano. Deveríamos saber que esse ser humano, sobretudo na hora da morte, merece de nós a nossa melhor expressão de respeito.

JORNALISTA, É PROFESSOR DA ECA-USP

Encontrou algum erro? [Entre em contato](#)

Compartilhe



Tudo Sobre

[Olavo de Carvalho](#)[Jair Bolsonaro](#)[rede social](#)

COMENTÁRIOS

Os comentários são exclusivos para assinantes do Estadão.

[ASSINE O ESTADÃO](#)[JÁ SOU ASSINANTE >](#)

VEJA TAMBÉM





ESTADÃO

EUGÊNIO BUCCI



O que é assexual e como identificar: entenda orientação do personagem de Thiago Fragoso em Travessia

ATENDIMENTO

Correções

Fale conosco

Portal do assinante

Trabalhe conosco

Copyright © 1995 - 2022 Grupo Estado



ATUALIZAMOS NOSSA POLÍTICA DE COOKIES

Nós utilizamos cookies e outras tecnologias semelhantes para melhorar sua experiência em nossos serviços, personalizar nossa publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse.

Ao utilizar nossos serviços, você aceita a política de monitoramento de cookies. Para mais informações, consulte nossa [Política de cookies](#).

CIENTE